

Um novo mutirão de educação alternativa

FREI BETTO

Já que a educação brasileira funciona em marcha lenta, com recursos equivalentes a apenas 4% do PIB — mais da metade consumida pela universidade — um novo movimento surge no Brasil: os pré-vestibulares para negros de baixa renda.

No Brasil, país com a segunda maior população negra do mundo, depois da Nigéria, os afrodescendentes são duplamente marginalizados, por serem negros e pobres. Dados do IBGE indicam que 44% da população brasileira é negra e ocupa apenas 5% das vagas na universidade. O preconceito, contudo, é maior do que se imagina: de cada cem negros, 83 não assumem sua condição racial.

A idéia de criar uma metodologia para facilitar o acesso do estudante negro e pobre à universidade nasceu em 1992, por iniciativa dos movimentos negros, incluindo a Pastoral do Negro.

O primeiro núcleo para atender a estudantes carentes foi criado em São João de Meriti, no Rio de Janeiro. Hoje, são 30 em 15 estados. O trabalho é auto-sustentável. Cada aluno contribui mensalmente com 5% a 10% do salário-mínimo. Esses recursos pagam o material necessário (giz, apostilas etc.) e o transporte dos professores, já que o corpo docente trabalha como voluntário.

Entre professores e coordenadores, há atualmente 450 voluntários nos 30 núcleos, cada um com média de 50 alunos. Ao todo, cerca de 1.500 estudantes. A Educafro, entidade coordenada pela Ordem Franciscana, concede bolsas de estudos àqueles que não podem contribuir.

Os locais dos cursos são cedidos por igrejas, sindicatos, escolas públicas e associações comunitárias. Assim, permite-se o acesso do estudante carente à universidade e combate-se a "indústria" do pré-vestibular, que se vale da má qualidade do ensino no país e cobra mensalidades que pré-selecionam os estudantes, de modo a garantir o monopólio do ensino superior à elite.

Os cursos funcionam aos sábados, das 8h às 20h, e o almoço é na base da partilha comunitária. Os alunos repartem com os colegas o que trazem de casa ou os pais cozinham enquanto os filhos estudam.

Além das disciplinas curriculares, alunos e professores debatem cultura e cidadania (racismo, direitos da mulher, políticas públicas etc.), analisam filmes, peças de teatro, textos literários e letras de músicas.

Vencida a barreira do vestibular, os alunos do projeto enfrentam a dificuldade de se manterem na universidade. A PUC do Rio tem dado bolsa de estudo integral a esses estudantes, com a condição de jamais obterem média abaixo de 6. Em 1998, 247 estudantes negros e carentes da Baixada Fluminense e das favelas do Rio foram beneficiados pela PUC. E há mais de dois mil estudantes formados pelo projeto nas cinco universidades públicas do Rio de Janeiro.

Em São Paulo, 134 estudantes recebem bolsas de universidades. A porta mais estreita era a da USP, que não dava isenção da taxa de vestibular. O atual reitor, Jacques Marcovitch, criou em abril a Comissão Permanente de Políticas Públicas para a População Negra, que a partir do próximo ano isentará os estudantes provenientes da rede pública, desde que comprovem pertencer a uma família de baixa renda.

O Brasil tem solução. O que falta é vontade política por parte do Governo e iniciativas como esta por parte da sociedade civil. Diz a Macunafina que "a saúde e a saúde os males do Brasil são". Desconfio que, em matéria de educação, é a saúde oficial que nos faz figurar no relatório da ONU/99 com o vergonhoso índice de 16% da população condenada ao analfabetismo. Sem contar os analfabetos virtuais, que não sabem lidar com equipamentos eletrônicos, como um simples cartão magnético.

FREI BETTO é escritor.